

ATROARIS:

ESSA TERRA

TEM DONO

ÍNDIOS

03/12/68 (5)
JT

Os índios bororós estão neuróticos, passam o dia na maior fossa, bebem feito esponja e têm obsessão com a morte. Os índios atroaris estão danados e, por enquanto, pagando o pato pela morte dos integrantes da missão do padre Calleri. De qualquer maneira, danados ou não, a Estrada Manaus-Boa Vista vai dividir suas terras porque os conselheiros da Fundação Nacional do Índio não conseguiram convencer as autoridades a mudar um tantinho o rumo da estrada, deixando os atroaris em paz.

— Se a estrada passar por lá mesmo, é possível que se repita a história dos kaingangues.

Os kaingangues viviam muito bem nas suas terras no noroeste de São Paulo quando se resolveu construir a estrada de ferro. A construção começou, mas quando chegou na região de Bauru os índios fincaram pé, começou a morrer branco, começou a morrer índio. Houve até um antropólogo — Van Erich — que deu parecer favorável à guerra aos kaingangues que entravam o progresso. Mas o marechal Rondon tinha uma idéia diferente; foi fundado o Serviço de Proteção ao Índio, cuja finalidade primeira era pacificar aqueles índios e deixar passar a ferrovia. Mesmo com a ação de Rondon a pacificação custou muito caro aos kaingangues: eles eram mais de mil, foram reduzidos hoje a duzentos morando em dois pequenos postos da Fundação Nacional do Índio.

A NEUROSE DOS BORORÓS

O antropólogo Roberto de Oliveira Cardoso, do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, está escrevendo um livro sobre a *Sociologia do Brasil Indígena* aonde continuará a divulgar sua tese de que a "sociedade nacional pratica uma espécie de colonialismo interno" em relação às sociedades indígenas. Esse colonialismo das forças econômicas contra as regiões subdesenvolvidas tem provocado muitas vezes a ira do índio, sua agressividade defensiva. Os xavantes, por exemplo, tinham fama de ferozes mas o indianista José Maria da Gama Malcher tem uma explicação

Índios

INDIANIZAÇÃO
CEDI
1471
1113175

para o caso. Ao tempo do Império a sociedade preocupada costumava vestir os xavantes com roupas velhas de leprosos cujo uso dizimou centenas de índios. "Eles tinham sua razão para odiar e querer matar branco", diz o professor Malcher.

Outras vezes o índio não tem condições de reagir a flechadas. Ele, que era o dono da terra e de uma cultura própria, de uma dignidade, começa a se ver agora através da imagem que dele têm o branco e o caboclo. Quem explica isto é ainda o professor Roberto Cardoso de Oliveira, que foi buscar em Hegel a expressão *conscience malheureuse* para explicar a situação em que hoje se encontram os bororós: estão sofrendo de apatia, neuróticos, infelizes, obcecados com idéia de morte e a certeza de que não valem nada na comparação com a sociedade branca.

EU TE AMANSO, BRANCO

O antropólogo Roberto Oliveira Cardoso lembra ainda o final da pacificação dos xavantes, quando o cacique passou o colar pela cabeça de Meireles dizendo "eu te amanso, branco, eu te amanso". O índio sentia que o trabalho de pacificador era seu, "uma reação natural de etnocentrismo" que, às vezes, tornada consciência no começo da disputa de terra, leva-o a morrer, hercicamente, lutando.

Indianistas como Noel Nutels e Gama Malcher pronunciam sempre com desdém a palavra *pacificação*, quando ela se refere aos índios. O que acontece, explica Noel, é que se o branco está chegando lá é porque tem interesse. Eu nunca ouvi falar que índio partisse para a agressão sem ficar sabendo, mais cedo ou mais tarde, que o branco tinha agredido primeiro, senão naquela ocasião, pelo menos antes. É comum, nas tribos, o ódio ao branco invasor ser conservado através da tradição oral. E esta tradição de autodefesa já fez correr da raia até o sertanista mais experimentado.

Noel Nutels também já correu: foi em mil novecentos e quarenta e pouco quando acompanhava uma missão na terra dos gaviões.

— Nós chegamos, a pessoa foi tratar do que tinha de tratar e eu fiquei por ali. De repente comeci a perceber que a barra ia ficando pesada, que os índios tinham uma expressão desconfiada e agressiva: cai no rio, tomei o meu bote e dei no pé. É preciso saber a hora de fugir porque, numa emergência, esta é a única solução, as outras são: matar o índio ou deixar matar-se. Mas um indianista experimentado sabe disto, foi por isso que eu não acreditei quando andaram noticiando que a expedição de Francisco Vilas Boas se tinha perdido no mato: conheço o Chico, ele não é disto.

SER OU NÃO SER ÍNDIO

Reforçando a teoria daqueles que destacam a contradição de interesses entre a sociedade do branco e do índio, onde se destaca sempre a disputa de terras, existe uma situação que o antropólogo Oliveira Cardoso verificou durante o tempo em que pesquisava a

sociedade dos tukunas. Ser índio, em determinadas situações, é privilégio porque garante a posse da terra, já em outras, nem tanto.

— Entre os tukunas, explica, a situação de índio, entre os mestiços, é considerada através do pai: se o pai é índio, o filho também, mas se a mãe é índia e o pai branco ele não tem direitos na coletividade. Eu conheci muitos casos de mestiços que mistificavam sua origem para poder ter direito às terras da reserva. Mas, quando já participando da sociedade branca, o índio procura fazer o contrário, fingir de mestiço porque, ali, só assim terá condições de passar de servo para assalariado.

As vezes a situação se inverte: nas terras da Craolândia, Reserva dos Índios craós, vivem pequenos grupos de agricultores e criadores de gado que pagam taxa de moradia aos senhores indígenas. Mas o mais comum é a situação do índio em permanente perigo de perder suas terras através "de pequenas incursões de regionais em terras da Reserva" ou, mais perigosamente, através da "grande luta pela alienação de seu território que se trava nas Câmaras e Assembléias Legislativas, nos campos jurídico e político, onde a Fundação Nacional do Índio é chamada a agir; se o branco vencer esta luta, creio ser muito difícil impedir a ocupação do território indígena", escreve Roberto Oliveira Cardoso.

SUICÍDIO DE UM GUERREIRO

De vez em quando o drama individual de um índio consegue aparecer acima das histórias de genocídio, perseguição e assassinatos que se têm promovido com a sua gente. Uma dessas é a história terrível do Cacique da tribo urubu, que se matou de tristeza.

Um dia o Cacique se levantou cedo, cumpriu rituais, pintou o corpo e vestiu os enfeites mais bonitos para sair à procura de *Maira*, o deus do mar. Saindo de suas terras ele atravessou vilas, estradas e a sua figura bonita e terrível foi assustando os brancos que pensavam logo em uma possível agressão. Aqui e ali um bando lhe caía em cima a pontapés e pauladas, mas ele continuava seu caminho perseguindo a imagem de *Maira*. Até que acabou todo machucado e preso numa cadeia de São Luís do Maranhão. Mas ele queria seguir procurando e dava murros furiosos nas paredes da cadeia, gritava e batia até que o então Serviço de Proteção ao Índio conseguiu levá-lo de

volta à terra dos urubus. Ele não tinha chegado a ver *Maira*, só lembrava de sofrimentos e humilhações e escolheu a morte mais terrível para um guerreiro de sua tribo: se atirou no rio e foi comido pelas piranhas. Depois, Darci Ribeiro escreveu a sua história.

A AUTONOMIA PERDIDA

Mudar ou não mudar um pouco o rumo da estrada Manaus-Boa Vista é uma questão importante para os índios porque vai criar um precedente, nem tanto criar: reforçar. Trata-se de fixar uma política de interdição das terras indígenas. A idéia do antropólogo Roberto Oliveira Cardoso era a de, além de interditar o território dos atroaris, impedir que, nas proximidades se formasse qualquer grupamento branco, a fim de evitar um relacionamento entre as duas sociedades, que não fosse guiado pelo conhecimento científico.

— O problema é seriíssimo: se eu fosse um moralista talvez achasse melhor que não se permitisse o contato, que os índios morressem heroicamente lutando mas conservando a sua dignidade, sem virar molambo. Acontece que isto também seria arbitrar por ele e é justamente o que não seria certo. De qualquer maneira, se perder pouco, o índio perde somente a sua autonomia. O que se pode fazer de melhor é um processo de aculturação dirigido por especialistas. De qualquer maneira o índio ainda é, legalmente, um privilegiado porque ele tem direito à posse da terra, o caboclo não tem. A questão indígena é uma questão da sociedade nacional.

OS ATROARIS

Defendendo com gana suas terras — não é a primeira vez que são acusados de matar brancos — os atroaris vivem nas confluências dos Rios Alalau e Jauaperi, em Roraima. Pertencem ao grupo lingüístico *caribe*, suas armas são as comuns: arco, flecha, tacape e são muito pouco conhecidos justamente porque de acesso difícil. "Tem qualquer coisa aí" — disse Noel Nutels que afirma não ser normal um índio agredir primeiro. Esta coisa é a defesa da terra que, para eles, já tem dono.